

O ROMANTISMO JUNTO À ANÁLISE LITERÁRIA DA OBRA DO JOSÉ DE ALENCAR: LUCÍOLA

Angélica Somavilla¹

Ao analisar a obra literária *Lucíola*, publicado em 1862, romance urbano do autor José de Alencar, percebe-se no decorrer do livro características que destacam o Romantismo, assunto tal qual, junto a outros elementos narrativos será o foco desta análise ao longo do artigo.

Focalizando nos personagens temos como protagonista, Maria da Glória (Lúcia), colocada como peça principal, responsável pela formação de toda a dramatização do enredo da obra. Personagem redonda, onde sua vida e suas intimidades são aprofundadas pelo autor, José de Alencar a expõe como heroína.

Cortesã desde seus quatorzes anos de idade, Lúcia vendera seu corpo para salvar sua família: “Uma menina de 14 anos para tratar de seis doentes graves, e achar recursos onde os não havia. Não sei como não enlouqueci.” (ALENCAR, pg. 106), que na época passava junto com a sociedade brasileira uma das epidemias que mais matou nos anos entre 1849 e 1850, a febre amarela.

O dinheiro ganho com a minha vergonha salvou a vida de meu pai e trouxe-nos um raio de esperança. Quase que não me lembrava do que se tinha passado entre mim e aquele homem; a consciência de me ter sacrificado por aqueles que eu adorava, fazia-me forte. (ALENCAR, pg. 108)

Temos por deuteragonista o Sr. Paulo, desempenhando o papel de segundo ator, sendo personagem redondo também se coloca importante na obra, pois é ele

¹ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas (UDC). E-mail: angelika_sti@hotmail.com

quem vive com Lúcia um grande amor. Responsável por iniciar a obra escrevendo cartas para uma senhora recorda e narra com muita intimidade o que viveu ao lado de sua querida Maria da Glória.

Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigia; e cumpro o meu propósito mais cedo do que pensava. Trouxe no desejo de agradar-lhe a inspiração; e achei voltando a insônia de recordações que despertara a nossa conversa. Escrevi as páginas que lhe envio, as quais a senhora dará um título e o destino que merecerem. É um perfil de mulher apenas esboçado. (ALENCAR, pg.01)

Segundo a classificação de Norman Friedman, este personagem enquadra-se também como Homodiegético, pois o Sr. Paulo é narrador, narra e é testemunha da história, mas não é protagonista, personagem principal. Também possui o foco narrativo de narrador testemunha, narrado em primeira pessoa, escrevendo o que lembra com a percepção restrita dos fatos que aconteceram, descrevendo apenas aquilo que vivenciou, ouviu, imaginou no seu ponto de vista.

O antagonista da obra é Couto, personagem plana responsável por tornar de Maria da Glória, uma prostituta quando tinha apenas quatorze anos “Passou um vizinho. Falei-lhe; ele me consolou e disse-me que o acompanhasse à sua casa” (ALENCAR, pg. 107). Couto, burguês causador da depravação da dignidade de Lúcia, deixa transparecer sua característica capitalista, deixando a ideia de que, o que fez para Lúcia foi um favor, comprado-a com seu dinheiro.

Ele tirou do bolso algumas moedas de ouro, sobre as quais me precipitei, pedindo-lhe de joelhos que mas desse para salvar minha mãe; mas senti os seus lábios que me tocavam e fugi. Oh! Não posso contar-lhe que luta foi a minha: três vezes corri espavorida até a casa, e diante daquela agonia sentia renascer a coragem, e voltava. (ALENCAR, pg. 108)

Ainda no quadro de personagens temos os secundários como: Dr. Sá, Ana e os pais de Lúcia. Dr. Sá personagem plana, amigo e companheiro de infância de Paulo, que apresenta e conta sobre a sociedade do Rio para ele que ainda não conhecia tão a fundo o que acontecia nos meandros da vida social do local.

- Quem é esta senhora? Perguntei a Sá.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

-Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la... (ALENCAR, pg.03)

Ana personagem plana é a irmã de Lúcia e herdeira de sua fortuna. Foi a única que ha confortou quando seu pai abandonou-a. Motivo maior de Lúcia lutar pela vida para ficar ao lado de sua querida irmã, “O único ente que me sorriu e abraçou por despedida foi o anjinho que Deus me dera por irmã e conforto.” (ALENCAR, pg. 109)

Os pais de Lúcia personagens planos, mesmo secundários, possuem um papel de responsabilidade, pois são através deles que fazem de Lúcia uma heroína, vendo a família arruinando-se por causa da doença e da pobreza, ela vai em busca de algo para salva – los. É através do Couto que ela vende o seu próprio corpo, mas é através do pai que lhe abandona que ela vê a prostituição como o único meio de sobreviver no mundo sozinha.

Como personagens irrelevantes temos esses que surgem ocasionalmente, possuindo pouco envolvimento com o enredo como: Jesuína, médico da Lúcia, Jacinto, Laura, Nina, Rocinha e Cunha.

O enredo é composto por vinte e um capítulos e o discurso empregado é uma mistura do indireto e direto. José de Alencar inicia a obra com o personagem e narrador Paulo escrevendo uma carta de resposta para uma senhora desconhecida que gostaria de saber o porquê da excessiva indulgência que ele tinha por pessoas que escandalizavam a sociedade, no caso, a prostituta Lúcia.

O espaço físico da estória acontece no Rio de Janeiro no ano de 1855, onde Paulo acaba de chegar. Alguns dias depois Dr. Sá, amigo de infância leva-o a uma festa que seria da Glória.

Enquanto Sá aproveitava a festa, Paulo observava tudo ao seu redor, porém algo chamou-lhe a sua atenção, era Lúcia, Sá apresentou-lhe a ela, ele achou que já a conhecia, pois bem, ao deitar lembrou que havia avistado ela no dia de sua chegada.

O primeiro nó (conflito) da estória se dá quando, depois de Paulo e Lúcia conversarem em outros encontros ocasionais, ao passar alguns dias, ele visita a casa de Lúcia e acontece um primeiro “toque” de corpo entre os dois, porém ao invés de ser algo agradável para ela ocorre o contrário, há um grande constrangimento por parte de Lúcia que chora. Paulo fica confuso, sem saber o que havia feito de errado.

Após alguns dias, Sá programa um jantar em sua casa. Quando Paulo chega, já estavam reunidos os convidados: Lúcia, Couto, Rochinha e três lindas mulheres. Rochinha chama Lúcia de Lúcifer, deixando Paulo intrigado com aquele comentário e confirmando a sua decepção, Lúcia junto com outras garotas fazem um show particular para os homens, despindo-se toda.

Paulo, mesmo depois desses acontecimentos que como ele mesmo cita, prefere esquecer, continua a conversar com Lúcia, mantendo-se amigo para tentar compreender a história de Lúcia, querendo saber mais afundo o que se passa com o seu amor.

Ao longo do enredo, Paulo em um encontro observa que Lúcia esconde um objeto dele, era o livro *A Dama das Camélias*. Ele toma das mãos dela e analisa, levando os dois a um debate, já que o livro trata-se também da história de uma jovem cortesã apaixonada por um rapaz de poucos dotes.

Depois de Lúcia vender sua casa na cidade e comprar outra mais retirada daquela população que a cerca e lhe faz mal por julga lá, a narrativa conduz ela a contar sua verdadeira história, fazendo analepse (flash back), do que aconteceu em sua infância.

É nesse momento do enredo que o clímax esperado pelos leitores acontece, pois Lúcia contará o que condicionou ela a ser uma cortesã, revelando seus segredos. Paulo escuta com atenção tudo que Lúcia conta. Ela revela seu

nome verdadeiro, Maria da Glória, conta a história da família dela que passou por grande necessidade devida a epidemia de febre amarela em 1850.

Conta também que, com a família morrendo e sem comida em casa, ela pedia comida na rua à alguma pessoa que passava, até que um dia, um vizinho oferece dinheiro à ela para que acompanhasse até sua casa, na inocência ela foi. Esse homem era Couto.

Maria da Glória contou quantas vezes pensou em não aceitar o dinheiro, porém era a única saída, obrigou-se a aceitar. Seu pai desconfiou dela e os dois conversaram, mas descobrindo a verdade, a expulsou da vida dele.

O único ente que sorriu e abraçou Maria, foi a sua irmã mais nova, Ana. Lúcia sentiu-se aliviada em custear a saúde de seus pais e de sua irmã querida, cuidando para que nada os faltasse. Nesse tempo, Lúcia fez um dote para Ana.

Após a morte de uma das amigas do quarto, Maria da Glória troca a identidade com a moça que se chamava Lúcia. Sendo assim o pai lê no jornal que sua filha Maria havia falecido. Era o que todos acreditavam Maria da Glória estava morta para o mundo e para a família.

Já mudados na nova casa retirada da cidade que Lúcia comprou, o desfecho da estória se dá quando Lúcia descobre que está grávida de Paulo. Por uma complicação do destino ela perde o filho e recusando tomar o remédio que o médico receitou, antes que algo mais grave lhe aconteça, Paulo insistentemente faz com que depois de muita conversa ela aceite.

Antes de morrer Lúcia pede a Paulo que se case com Ana sua irmã, porém ele não aceita. Diante sua recusa, pediu-lhe que ao menos protegesse sua irmã. Lúcia morre.

Após sua morte, Paulo conta como sofre por não ter mais sua amada viva, porém fica feliz de guardar as lembranças em que viveu junto com a sua doce amiga. Termina a carta dizendo que cumpriu a vontade dela sendo pai de Ana e entrega a carta para a senhora com alguns fios de cabelo, com a intenção de que esses fios possam revelar a criatura que Lúcia foi.

Ao analisar a obra *Lucíola*, logo percebemos algumas características que enquadram o livro no movimento Romântico (Romantismo), como o culto da

natureza, que assume o significado de refúgio à vida agitada e desgastante dos centros urbanos, transmitindo o estado emocional de quem o escreve.

O novo ano tinha começado. A bonança que sucedera às grandes chuvas trouxera um dos sorrisos de primavera, como costumam desabrochar no Rio de Janeiro entre as fortes trovoadas do estio. As árvores cobriam-se da nova folhagem de um verde tenro; o campo aveludado a macia pelúcia da relva, e as frutas dos cajueiros se douravam aos raios do sol. (ALENCAR, pg. 117)

É perceptível também a presença do sentimentalismo, onde há o predomínio das emoções pessoais da personagem predominando sobre a razão, guiado pelo subjetivismo, possui uma visão particular do autor sobre a sociedade, os costumes e dos acontecimentos que giram todo o enredo, dando enfoque aos dramas de amor dentro da temática amorosa, como por exemplo, a personagem Paulo narrando sua visão perante Lúcia que se despia toda para o Sr. Couto e Cunha.

Lúcia estava rutilante de beleza; a sua formosura tinha nesse momento uma ardência fosforescente que eu atribuí à irritação nervosa da manhã. O orgulho e o desprezo vertiam-lhe de todos os poros, nos olhos, nos lábios, nas faces e no porte desenvolvido. Ela flutuava numa atmosfera maléfica para o coração, que, entrando naquela zona abrasada, sentia-se asfixiar. A roda elegante festejava o astro que surgia, depois do seu eclipse passageiro, mais que nunca brilhante. (ALENCAR, pg. 63)

Na perspectiva de características do Romantismo podemos citar também a idealização do mundo, onde o escritor idealiza temas procurando o mundo ideal, perfeito para haver uma compensação do próprio sofrimento da vida real, rotineira que leva.

Assim caminhávamos, quase sempre mudos e silenciosos, contemplando a beleza das cenas que se desenrolavam aos nossos olhos, ou absorvidos em nossos pensamentos íntimos. Quando Ana soltava a minha mão para correr diante de nós com a inquieta travessura de sua idade, Lúcia erguia-se na ponta dos pés, e suspirava-me ao ouvido alguma palavra terna, alguma doce confiança de sua alma. (ALENCAR, pg. 112)

Visto que o romance brasileiro da época era dirigido a um público que procurava entretenimento, vemos nas obras de José de Alencar, nessa como em outras, romances ficcionais que relatam as realidades dos acontecimentos externos de uma sociedade, neste caso o livro *Lucíola* no Rio de Janeiro, criando assim todo enredo da própria obra.

Vistos sob esse ângulo, são exemplares os romances de Macedo e de Alencar, que respondem, cada um a seu modo, às exigências mais fortes de tais leitores: reencontrar a própria e convencional realidade e projetar-se como herói ou heroína em peripécias com que não se depara a média dos mortais. (BOSI, pg.129)

Com a reconstrução fiel do ambiente (local) e a preocupação das personagens em manter uma conduta moral diante da sociedade dentro do enredo, as características do Romantismo vem para aflorar ainda mais a sensação de verossimilhança, onde o autor deixa também, transparecer sobre os fatos os pensamentos emocionais e ideológicos, buscando encontrar na realidade dos personagens, o ser herói/heroína em situações que não se enquadram à sociedade daquela época.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. *Lucíola*. Ciranda Cultural. 128 p.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 36 ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 528 p.